

Nietzsche: a “verdade” como ficção

Luciana Zaterka*

Resumo: No presente artigo pretendemos discutir a concepção nietzschiana de “verdade” como ficção. Para tanto utilizaremos, como fio condutor, sua crítica à lógica, à ciência, à gramática e à linguagem. Objetivamos ainda sugerir que os pressupostos deste ataque estão vinculados à perspectiva fisiológica.

Palavras-chave: verdade – ficção – sujeito – pragmatismo – fisiologia

“Deus está morto!” – com esta afirmação Nietzsche aponta o maior acontecimento da “história universal” e localiza, assim, o ponto de partida de sua reflexão filosófica. Deus é sinônimo de transcendência, de idealidade; ele é o fundamento e a garantia dos valores absolutos: Belo, Bem, Verdadeiro. Com a morte de Deus o filósofo alemão coloca a vida humana na sua verdadeira dimensão denunciando os antropomorfismos e as ilusões transcendentais: “O verdadeiro mundo, nós o expulsamos: que mundo resta? O aparente, talvez?...Mas não! *Com o verdadeiro mundo expulsamos também o aparente!*” (*GD/CI* Como o “verdadeiro mundo” acabou por se tornar fábula). “Permaneçam fiéis à terra!” – com esta afirmação Zarathustra revela o caminho para se penetrar no verdadeiro Sim da filosofia nietzschiana. Neste sentido, a divinização do mundo, o além-mundo, a metafísica serão o alvo privilegiado da crítica nietzschiana.

Em um fragmento póstumo, redigido na primavera de 1888, Nietzsche escreve: “O homem procura a ‘verdade’: um mundo que não

* Mestra pelo Instituto de Química da USP e mestranda do Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo.

se contradiz, não se engana, não muda, um mundo *verdadeiro*...” (XII, (46) 9 (60)). Notamos de início como o filósofo redige as palavras verdade e verdadeiro: a primeira entre aspas e a segunda destacada no escrito original. Sabendo-se da importância da pontuação nos escritos nietzschianos⁽¹⁾, especificamente das aspas, travessões e reticências, o que ele pretende com estas notações no póstumo acima? Uma análise do texto ressalta que o princípio de não contradição está subjacente à busca do homem pela “verdade”. A procura da “verdade” visa a satisfazer a necessidade que o ser humano tem de segurança, na medida em que “o mundo que não se contradiz” é o mundo do permanente, do estável, portanto, do que é antes de mais nada idêntico a si mesmo.

No entender de Nietzsche: “O princípio de identidade tem como pano de fundo a ‘ilusão de ótica’ de que existem coisas idênticas” (XI, 36 (23)). Ora, postular a existência de “coisas idênticas” no mundo implica, no limite, a crença em entidades metafísicas: unidade, permanência e estabilidade. O filósofo mostra, no póstumo acima, que o homem procura uma “verdade” que esteja diretamente ligada a um mundo verdadeiro, ou seja, a um mundo que deveria caracterizar-se justamente pela estabilidade, permanência e unidade. Ora, este mundo, para o destruidor da tradição moral/metafísica, é simplesmente uma quimera. “...a nossa inclinação básica é afirmar que os juízos mais falsos (...) nos são os mais indispensáveis, que, sem permitir a vigência das ficções lógicas, sem medir a realidade com o mundo puramente inventado do absoluto, do igual a si mesmo, o homem não poderia viver” (*JGB/BM* § 4). O mundo do absoluto, em contraposição ao mundo do relativo, transitório, efêmero, é completo em si mesmo pressupondo, assim, a identidade. Nietzsche aponta a relação entre a lógica e o mundo do “puramente inventado do absoluto”. Ora, a lógica é um sistema formal de proposições e operações que são tomadas como verdades *a priori*. Seus enunciados não derivam da experiência, mas, na maioria dos casos, aplicam-se a ela. Como as proposições e regras lógicas são formais e gerais, elas evidentemente são vistas como verdades universais. Desta maneira, o sistema lógico pressupõe a existência de casos e objetos idênticos. Assim, o que está no fundamento da lógica é a crença

na identidade; esta, por sua vez, pressupõe a convicção de que existe um mundo absoluto, supra-sensível, *verdadeiro*. Neste sentido, o filósofo acredita que os princípios da lógica implicam pressupostos metafísicos. E não poderia ser de outro modo. Em seus escritos, ele critica a idéia de um mundo ou de uma realidade essencial, eterna, imutável. Anunciando a morte de Deus ele aponta para o caráter ilusório da transcendência. É por essa razão que, no texto citado, Nietzsche afirma que a lógica é uma ficção completa.

À crítica nietzschiana ao princípio de identidade no âmbito da lógica acrescentam-se argumentos similares contra a idéia de substância. Sem nos determos nas diversas formulações que este conceito recebeu na história da filosofia, podemos dizer sucintamente que a substância é “o que existe em si e por si”, ou seja, é um ser individual existente que possui essência e acidentes. A essência de uma substância é aquilo que se mantém permanente no fluxo da mudança. Assim, acreditar em uma substância isolada, independente, idêntica a si mesma, é novamente recair na metafísica. Nietzsche sustenta que o conceito de substância é uma derivação do conceito de sujeito: “O conceito de *substância* é uma conseqüência do conceito de *sujeito*, e não inversamente! Se renunciarmos à alma, ao ‘sujeito’, desaparece o pressuposto para a admissão de uma “substância” em geral. Obtêm-se *graus do ser*, perde-se o Ser... ‘*Sujeito*’: tal é a ficção que nos leva a pensar que muitos estados *semelhantes* são em nós o feito de um mesmo ‘*substratum*’; mas fomos nós quem primeiro criou a ‘analogia’ entre estes diferentes estados” (XII, (152) 10 (19)). O homem transpõe a ilusão de ter uma unidade subjetiva (Eu – *Ich*) para o mundo; e desta transposição conclui – ilusoriamente – a permanência e a estabilidade deste mundo. Encontramos, aqui, a convicção na idéia de permanência. Ora, a possibilidade de pensarmos em um sujeito ou em uma substância com estas características não significa a existência deste sujeito ou desta substância no mundo dito exterior. A crença na existência de substâncias que pensam não é um fato concreto, mas um postulado “lógico-metafísico”.

Mas Nietzsche não se detém aqui. Além de denunciar a falsidade da ilusão projetiva do “sujeito” no mundo exterior, denuncia uma se-

gunda “ilusão de ótica” nesse procedimento: a unidade subjetiva tomada como identidade (sujeito) passa a ser “causa” das “ações”: “Em cada juízo está ocultamente presente a crença total e profunda no sujeito e no predicado, ou na causa e no efeito; e esta última crença (ou seja, a afirmação de que todo o efeito é atividade e de que cada ação pressupõe um autor) é tão-só um caso particular da primeira, pelo que a crença fundamental é a de que existem sujeitos” (XII, 2 (83)). Podemos dizer, e este é um ponto fundamental, que o conceito de substância é uma consequência de um modelo gramatical: a relação sujeito/objeto. A gramática das línguas indo-européias está impregnada de pressupostos metafísicos – sujeito, objeto, predicado, etc. – e, portanto, é um resquício de Deus: “Temo que não nos desvencilharemos de Deus, porque ainda acreditamos na gramática... (*GD/CI*, A “razão” na filosofia, § 5). A gramática opera com entidades metafísicas; é por essa razão que Nietzsche a designa “metafísica do povo” (*FW/GC*, § 354). É este modelo gramatical que está na base das idéias de Sujeito e Substância.

De igual maneira, o filósofo acredita que a ciência de sua época, especificamente o atomismo moderno, encontra-se presa às malhas da gramática: “Toda a nossa ciência se encontra ainda sob a sedução da linguagem, não obstante seu sangue-frio, sua indiferença aos afetos, e ainda não se livrou dos falsos filhos que lhe empurraram os ‘sujeitos’ (o átomo, por exemplo, é uma dessas falsas crias...)” (*GM/GMI* § 13). Aqui, ele mostra que o conceito de átomo “material” deriva da analogia do conceito de sujeito metafísico-gramatical, pois o átomo é indivisível, permanente e indestrutível, no limite, é uma “coisa” (*Ding*)⁽²⁾. Como a idéia de um sujeito idêntico a si mesmo é uma ilusão, os átomos físicos são considerados “ficções antropomórficas”: “...é preciso inicialmente liquidar aquele outro e mais funesto atomismo, que o cristianismo ensinou melhor e por mais longo tempo, *o atomismo da alma*. Permita-me designar com esse termo a crença que vê a alma como algo indestrutível, eterno, indivisível, como uma mônada, um *atomon*: essa crença deve ser eliminada da ciência!” (*JGB/BM* § 12). Para o filósofo, além dos átomos, algumas outras concepções operam com coisas inexistentes como “linhas, corpos, números, tempo, espaço etc.” (*JGB/BM* § 21).

Assim, trabalham com um sistema completo de falsificação: noções hipotéticas, ficções, fenômenos e leis ideais. Desta maneira, é a perspectiva humana que cria conceitos como número, causalidade, tempo, espaço. Nietzsche mostra que na base de alguns princípios e conceitos científicos encontra-se a analogia ao sujeito – metafísico – único e “atômico”.

“As diferentes línguas, colocadas lado a lado, mostram que nas palavras nunca importa a verdade, nunca uma expressão adequada: pois senão não haveria tantas línguas. A ‘coisa-em-si’ (tal seria justamente a verdade pura sem conseqüências) é, também para o formador da linguagem, inteiramente incaptável e nem sequer algo que vale a pena. Ele designa apenas as relações das coisas aos homens e toma em auxílio para exprimi-las as mais audaciosas metáforas” (*WL/VM* § 1) – escreve Nietzsche no ensaio de 1873. A linguagem é simplesmente um conjunto de metáforas, e a verdade – “designação uniformemente válida e obrigatória das coisas” – não passa de convenção lingüística. A linguagem, pela sua própria natureza, é incapaz de captar as coisas. A palavra é fruto de um duplo deslocamento: um estímulo nervoso é transposto em imagem e este por sua vez é transposto em som. Contudo, este estímulo nervoso é antes de qualquer coisa um estímulo “subjetivo”: “Um estímulo nervoso, primeiramente transposto em uma imagem! Primeira metáfora. A imagem, por sua vez, modelada em um som! Segunda metáfora” (*WL/VM* § 1). Neste sentido, o filósofo mostra que o conceito também é uma ilusão. Ele “nasce por igualação do não igual”, tendo, portanto, na sua base, “uma desconsideração do individual e do efetivo”. Assumindo a posição de que a linguagem se constrói com traduções metafóricas de nossas experiências imediatas, Nietzsche aponta para a incapacidade dela de fornecer acesso verdadeiro às coisas.

Refaçamos até aqui o nosso percurso. Num póstumo de abril/junho de 1885 Nietzsche escreve: “A lógica fornece o modelo de uma *ficção completa*... Na realidade, não existe qualquer pensamento lógico, e nenhum axioma da aritmética e da geometria pode ser obtido a partir do que não existe” (XI, 34 (249)) (grifo nosso). Aqui, ele afirma que a lógica é uma “ficção completa”, pois trabalha com algo que não

existe: entidades metafísicas. Se a base de tal procedimento – o princípio de identidade – é uma ilusão, a lógica só pode ser compreendida desta maneira. A ciência, no entender de Nietzsche, embora aparentemente se oponha à metafísica, parte de um fundamento milenar – Deus: “...é sempre ainda sobre uma crença metafísica que repousa nossa crença na ciência – que também nós, conhecedores de hoje, nós os sem-Deus e os antimetafísicos, também nosso fogo, nós o tiramos ainda da fogueira que uma crença milenar acendeu, aquela crença cristã, que era também a crença de Platão, de que Deus é a verdade, de que a verdade é divina...” (*FW/GC* § 344). A ciência está intimamente ligada à crença na verdade, e esta é uma crença metafísica. Ela não reconhece que o erro é inerente à vida, identificando sempre a verdade ao bem e o erro ou a falsidade ao mal. Nietzsche teria chegado à conclusão de que algumas noções gnoseológicas estão impregnadas de valores morais/metafísicos. Neste sentido, todos os juízos que possuem na base estes pressupostos serão considerados ficções: “O *mundo fictício* do sujeito, da substância, da razão, etc., é *necessário*...” (XII, (64) 9 (89)). Podemos dizer que estes juízos pressupõem um mundo que tenha fenômenos e leis regulares, no limite, uma natureza estável. E é exatamente esta identidade, este Ser que é o alvo da crítica nietzschiana: “O ‘sujeito’ é a ficção, a conveniência à qual inúmeros estados semelhantes em nós são o efeito de um mesmo *substratum* único...” (XII, (152) 10 (19)). A perspectiva humana transpõe a idéia fictícia de sujeitos espirituais – “átomos” – sujeitos” para o mundo exterior criando um mundo *verdadeiro*, ou melhor, um mundo ficcional. Num aforismo intitulado *A ‘razão’ na filosofia* Nietzsche sintetiza estas questões: “A linguagem pertence, por sua origem, ao tempo da mais rudimentar forma de psicologia: entramos em um grosseiro fetichismo, quando trazemos à consciência as pressuposições fundamentais da metafísica da linguagem, ou, dito em alemão, da *razão*. Esse vê por toda parte agente e ato: esse acredita em vontade, como causa em geral; esse acredita no ‘eu’, no eu como ser, no eu como substância, e *projeta* a crença na substância-eu sobre todas as coisas – somente com isso cria o conceito ‘coisa’... (*GD/CI*, *A ‘razão’ na filosofia*, § 5).

Ora, diferentes concepções de conhecimento trabalham com a dicotomia sujeito/objeto; acreditando que a “verdade” pode captar o “em si” das coisas. Assim, crêem antes de mais nada em um sujeito idêntico a si mesmo e em objetos estáveis, permanentes. Desta maneira operam com pressupostos metafísicos. Pode-se agora compreender o uso das diferentes pontuações nos escritos nietzschianos. Quando o filósofo pretende efetuar um distanciamento frente a determinadas palavras, ele utiliza a pontuação como instrumento. É por isso que a “verdade” está frequentemente entre aspas e o verdadeiro em destaque. São conceitos que subjacentemente necessitam das idéias de permanência e estabilidade, estes por sua vez determinam a essência dos objetos metafísicos. É um modo que o filólogo encontrou para colocar-se criticamente em relação a algumas idéias ou conceitos.

Assim, Nietzsche afirma que algumas concepções de conhecimento operam com ficções. O que são estas ficções? Por que foram construídas? No aforismo 4 de *Para além de bem e mal* Nietzsche escreve: “A falsidade de um juízo não chega a constituir, para nós, uma objeção contra ele; é talvez neste ponto que a nossa nova linguagem soa mais estranho. A questão é em que medida ele promove ou conserva a vida, conserva ou até mesmo cultiva a espécie”. Observamos aqui que ele vincula “os juízos” com exigências fisiológicas. Por que ele aborda estas noções dentro desta perspectiva? Com a morte de Deus, ele abre um espaço para se pensar os valores dentro de uma concepção naturalista onde a fisiologia possui um papel determinante. O conhecimento é, assim, visto como uma atividade ligada à vida que necessita intrinsecamente conservar-se, preservar-se. Para Nietzsche determinadas formas de vida – “sofredoras improdutivas” – necessitam criar as ficções. Estas ficções regulativas são utilizadas pelo homem para a sua sobrevivência. Acreditar na lógica, nos átomos, nos números, no sujeito, na substância, na linguagem não é acreditar no mais verdadeiro, e sim no que é mais útil para a vida. Não podemos imaginar uma estrutura que pretende captar o em si das coisas baseada no fluxo permanente; a vida, a perspectiva humana necessita criar estas ficções. Com o mundo do ser, portanto da identidade, o homem cria as “ficções regulativas” sempre com propósi-

tos práticos⁽³⁾. “Não ‘conhecem’, mas esquematizam, impor ao caos tanta regularidade e formas quanto isso possa satisfazer a nossa necessidade prática... Não se verificou aqui o trabalho de uma ‘idéia’ pré-existente, mas tão-só o da utilidade, pois somente quando vemos as coisas de um modo grosseiro e iguais entre si elas se nos tornam calculáveis e mais ...” (XIII, 14 (152)). Percebemos aqui que o “erro” é pressuposição para o conhecimento, faz parte da perspectiva humana e, no limite, é condição para a própria vida: é uma questão de sobrevivência. Assim, as “ilusões” que pretendem captar o em si das coisas são necessárias, pois conservam determinadas formas de vida. Podemos dizer que as ficções – *constructos* úteis – estão a serviço de uma força fundamental: a autopreservação. Retomemos agora um póstumo já citado: “O homem procura a ‘verdade’: um mundo que não se contradiz, não se engana, não muda, um mundo *verdadeiro* – um mundo onde não se sofre: contradição, ilusão, mudança – causas do sofrimento!... Onde pois o homem tomou aqui o conceito de *realidade*? – Por que ele deduziu precisamente o *sofrimento* da mudança, da ilusão, da contradição? E por que não de preferência sua felicidade?... – O desprezo, o ódio por tudo que acontece, muda, se transforma: de onde vem esta valorização do que se conserva? Visivelmente a vontade de verdade é aqui o simples desejo de se encontrar *no mundo do que permanece*” (XII, (46) 9 (60)). Percebe-se, assim, que Nietzsche abre espaço para se pensar a realidade como efetividade⁽⁴⁾... Talvez este seja o verdadeiro Sim da filosofia nietzschiana!

Abstract: In the present paper we wish to discuss Nietzsche’s concept of “truth” as a fiction. For this purpose the author uses Nietzsche’s criticism to logic, science, grammar and language. The work also aims at suggesting that the presuppositions of this attack are linked to a physiology perspective.

Key-words: truth – fiction – subject – pragmatism – physiology

Notas

- (1) Cf. Blondel, E. “As aspas de Nietzsche: filologia e genealogia”. In: Marton 1.
- (2) George Stack, em seu artigo “Nietzsche’s critique of things-in-themselves”, mostra a origem e o desenvolvimento da palavra “coisa”. O comentador afirma que na velha Inglaterra, Holanda e Alemanha “coisa” significava assembléia ou o nome dado para uma coleção de indivíduos em uma reunião. O autor afirma: “Provavelmente a transferência desta palavra para o discurso filosófico serviu para designar uma coleção ou ‘assembléia’ de qualidades ou propriedades. A concepção de uma *Ding* como objetiva, como entidade duradoura na linguagem filosófica parece ter envolvido a retificação de uma palavra que originalmente não se referia a alguma coisa independente de uma ‘coleção’ ou ‘assembléia’ de propriedades ou qualidades individuais” (Stack 4, p. 45). Neste sentido o autor acrescenta que Nietzsche está correto, portanto, ao afirmar que a crença em uma *Ding* isolada, independente, é uma idéia ficcional ou uma “ficção regulativa”.
- (3) Nietzsche não se aproxima de forma nenhuma dos chamados utilitaristas. Sabemos que esta corrente afirma que o valor de uma ciência se encontra na quantidade de aplicações práticas que ela possa desenvolver. É o uso ou a utilidade imediata dos conhecimentos que prova a verdade de uma teoria científica e lhe confere valor. Na ótica nietzschiana não podemos pensar a verdade desta maneira.
- (4) Stack acredita que, quando Nietzsche afirma o mundo enquanto efetividade, de alguma maneira está introduzindo um tipo de “coisa em si”. O comentador vê aqui um paradoxo na filosofia nietzschiana. Acreditamos que é impossível para uma filosofia que implode as dicotomias trazer “pelas portas dos fundos” a coisa-em-si. Só faz sentido a coisa-em-si em contraposição a um fenômeno. Para Nietzsche, este mundo “aparente” é o mundo “real”, assim a efetividade é o processo deste mundo onde as ficções operam.

Referências Bibliográficas

1. MARTON, S. (org.) *Nietzsche hoje?* Colóquio de Cerisy. São Paulo, Brasiliense, 1985.
2. NIETZSCHE, F. *Werke Kritische Gesamtausgabe*. Edição de Colli e Montinari. Berlim, Walter de Gruyter & Co., 1967-78.
3. _____. *Obras incompletas*. Traduzido do alemão por Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo, Abril Cultural, 1978, 2ª edição.
4. STACK, J.G. "Nietzsche's critique of things-in-themselves". In: *Dialogos*, Porto Rico, Editorial Universitaria U.P.R., 36 (1980), p. 33-57.